

PIONEIROS DA QUÍMICA

Aïda Espínola

Aïda Espínola nasceu no Rio de Janeiro em 18 de abril de 1920. Fez o curso fundamental no famoso Colégio Mallet Soares, em Copacabana, terminando-o com apenas 15 anos. Seu sonho inicial era cursar medicina, mas acabou ingressando no curso de química industrial da Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (hoje, Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro), colando grau na turma de 1941, com apenas 21 anos. Em 1954, após cursar disciplinas complementares, graduou-se em engenharia química pela mesma Escola.

Logo após colar grau pela primeira vez, abriu-se um concurso para tecnólogo químico no Departamento Nacional de Produção Mineral, que ficava bem perto da Escola Nacional de Química. Classificada em primeiro lugar, ingressou no referido Departamento em 1942. Inicialmente, ela trabalhou no Laboratório de Produção Mineral, como responsável pelas análises dos minérios brasileiros. Ela implantou e chefiou o Laboratório de Análises Químicas de Rochas – depois renomeado Laboratório de Geoquímica. Durante anos, este foi o único laboratório no Brasil a realizar análises químicas completas de rochas, atendendo geólogos e mineralogistas brasileiros e estrangeiros. Considera-se que o aquele laboratório foi essencial para a evolução da exploração de óleo e gás no país. Estas análises são ainda hoje referência em termos do conhecimento das reservas minerais do país. Acompanhou, desde o início, a descoberta do petróleo no Brasil. Em seu laboratório conduziu a análise química do óleo extraído do primeiro barril de Lobato (Bahia), o poço pioneiro (1939). Seu laboratório foi escolhido pela Nasa para analisar rochas recolhidas na Lua por Neil Armstrong na expedição da Apollo 11, que pousou na Lua em 20 de julho de 1969.

Em 1958, defendeu seu mestrado em Química Analítica pela Universidade de Minnesota, sob a orientação de Ernest B. Sandell. O doutorado em química foi obtido pela Universidade Estadual da Pensilvânia, sob a orientação de Joseph Jordan (1974). Pela Universidade Nacional de La Plata (Argentina), concluiu o estágio de pós-doutorado em Engenharia Eletroquímica, Eletrocatalise e Elipsometria.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuou no Instituto de Química e na COPPE, em nível de graduação e pós-graduação. Lecionou as disciplinas de Mineralogia, Química Analítica, Análise Instrumental e Eletrônica para Instrumentação de Laboratório. Em âmbito acadêmico, orientou treze teses, sendo sete de mestrado e seis de doutorado.



Aïda Espínola. Fonte: CNPq

Também é autora de mais de 150 artigos, publicados em periódicos científicos, e oito livros, sendo que seis são de autoria própria e duas traduções, usadas como livros de química para o ensino superior.

Dentre suas obras inéditas, citam-se *Ouro Negro. Petróleo no Brasil. De Lobato DNPM-163 a Tupi RJS-646* (Editora Interciência, 2013) e *Fritz Feigl. Atualidade de seu Legado Científico* (Instituto de Química da UFRJ e COPPE/UFRJ, 2009).

Mesmo após sua aposentadoria, continuou a prestar consultorias. Suas contribuições foram também marcantes no Centro de Tecnologia Mineral, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Aïda é uma das pioneiras na geração de eletricidade por pilhas a combustível, trabalho que começou a desenvolver ainda no doutorado, quando foi requisitada pelo Centro Técnico Aeroespacial (CTA) para desenvolver um gerador de energia para o primeiro satélite brasileiro.

No ano seguinte, em 1975, ao ingressar na COPPE/UFRJ como professora, implantou uma linha de pesquisa sobre o tema, considerada por ela promissora na busca pela geração de energia sustentável.

A professora foi pioneira também ao introduzir no Brasil pesquisas que anteciparam algumas das futuras demandas do país, como os estudos em eletroquímica de

sais fundidos, de grande interesse para a exploração de petróleo nas camadas do pré-sal, e em geradores de eletricidade de pilhas a combustível.

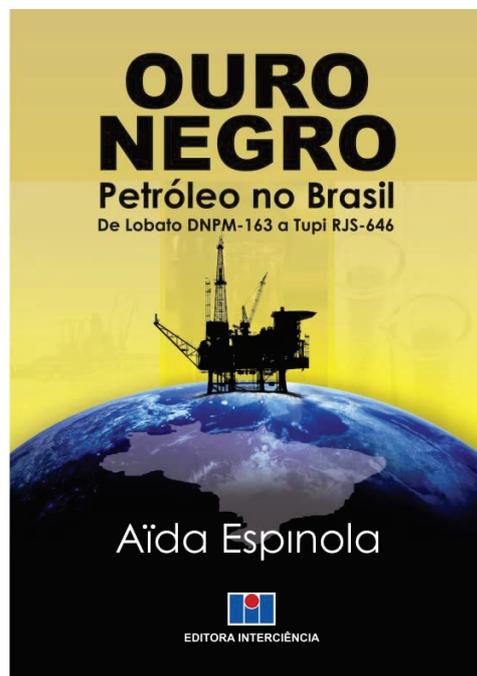
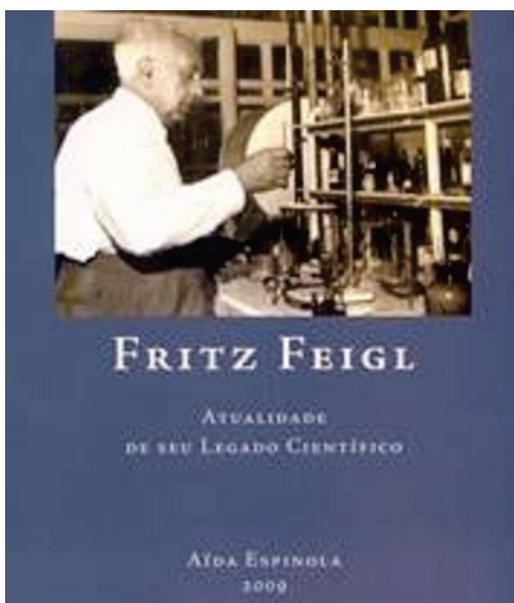
Sempre foi crítica ardente das soluções imediatistas dos governantes para driblar as crises; segundo Aïda, apoiar projetos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico e de capacitação técnico-científica é de fundamental importância para o país.

Aïda se filiou à Associação Brasileira de Química na década de 1950, e teve particular atuação bastante intensa na Regional Distrito Federal (Rio de Janeiro) da entidade nos anos 1950 e 1960.

Dentre as mais de 50 homenagens e honrarias que recebeu em vida, destacam-se: Medalha Simão Matias (Sociedade Brasileira de Química, 2012), Pesquisador Emérito do CNPq (2006), e Troféu COPPE (2008). Possui um verbete no Wikipedia.

Aïda casou-se com Cesar Godinho Espínola (1917-1997), também químico industrial, em 1943. Não tiveram filhos.

Ela faleceu em 29 de julho de 2015, aos 95 anos. Seu acervo pessoal, constituído por livros científicos, dicionários, anotações pessoais e trabalhos inacabados, foi doado ao Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Dois dos livros de Espínola

PIONEIROS DA QUÍMICA

Lourenço Granato

Filho de Francisco Granato e Laura Granato, Loureço nasceu em Vercelli, Itália, em 1872. Tinha dois irmãos, Felício e Inês Granato.

Formado em engenharia agrônômica, obteve seu doutoramento em ciências agrárias pela Escola Superior de Agricultura de Portici (localizada na província de Nápoles), mais tarde, Instituto Superior Agrário, e hoje Faculdade de Agronomia.

Lourenço chegou em Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, em 18 de novembro de 1900, a bordo do Alexandria.

Foi nomeado inspetor agrícola do 6º Distrito Agrícola, cuja sede era em Iguape e compreendia os municípios de Itanhaém, Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela, Santos e São Vicente, em substituição ao Dr. João Pedro Cardoso.

Granato escreveu vários livros, utilizados no curso de técnico em agricultura ministrado no Aprendizado Agrícola Dr. Bernardino de Campos, instalado em Iguape em 1903 por iniciativa do próprio Lourenço, e que era uma preparação para quem desejasse estudar na concorrida Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba, que tinha um dos melhores cursos de agronomia do país naquela época. O Aprendizado Agrícola funcionou até 1914, quando foi extinto. Lourenço o dirigiu até 1910. 4 anos depois, ele foi transferido para o Instituto Agrônômico de Campinas.

Entre os vários cargos que ocupou no serviço público, destacam-se os seguintes: Diretor interino do Instituto Agrônômico de Campinas, chefe da Seção de Agronomia do Estado de São Paulo, chefe do Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola de São Paulo, Diretor interno da Diretoria de Agricultura do Estado, e comissário para

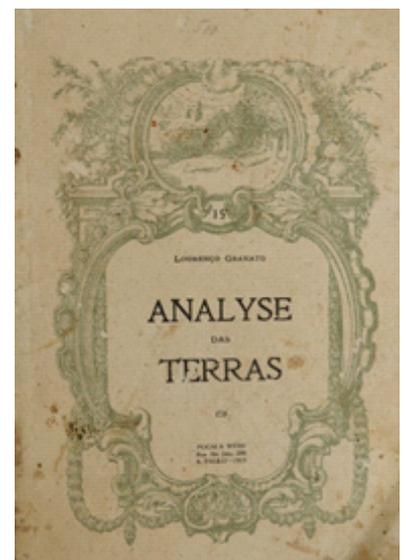
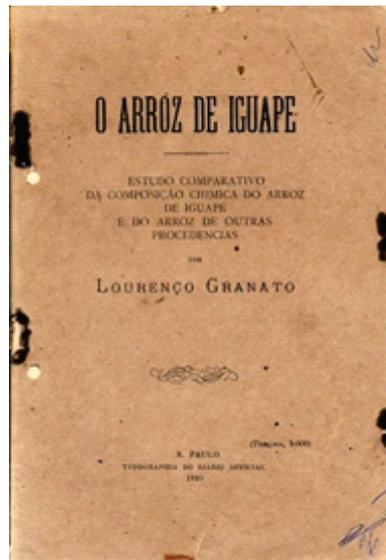
estudo das culturas tropicais dos estados do norte do Brasil. Aposentou-se em 1931 quando era consultor técnico agrícola da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.

Participou como delegado paulista e apresentador de trabalho (nove!) no Primeiro Congresso Nacional de Óleos, Gorduras, Ceras e Resinas, e Seus Derivados, realizado no Rio de Janeiro em novembro de 1924, sob a organização da Sociedade Brasileira de *Chimica*. Na segunda edição desse congresso, realizado em São Paulo em maio e junho de 1927, e organizado pela Associação Comercial de São Paulo, Lourenço foi membro da Comissão Organizadora.

Participou da fundação em 12 de outubro de 1924, da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo, sendo o primeiro vice-presidente da entidade. Com o afastamento do país do presidente, Cândido Fontoura, em 1925, Lourenço Granato assumiu o mandato, revelando-se não só um exímio técnico, mas também um administrador dedicado e incansável, tendo como resultado imprimir um forte dinamismo àquela entidade.

Sua atividade profissional revelava também uma personalidade culta das letras clássicas e de uma profunda e extensa cultura humanística. Costumava ficar até de madrugada em sua biblioteca estudando e traduzindo clássicos latinos, escrevendo ou poetando, ou corria às lavouras do interior.

Sempre se bateu contra o desmatamento, as queimadas e os maus tratos à terra. De reconhecida competência técnica, que atravessou as fronteiras do Estado de São Paulo, produziu mais de 170 trabalhos de divulgação agrícola, além de uma extensa colaboração



Algumas das obras clássicas de Lourenço Granato, em versão original.

Da esquerda para a direita: *Agronomia Geral* (1907), *O Arroz de Iguape* (1910) e *Análise de Terras* (1913)

para os principais jornais e revistas especializadas, dentro e fora de São Paulo, divulgando informações e técnicas de interesse do mundo do agronegócio. Entre seus livros, destacam-se várias obras escritas em seus primeiros anos em Iguape: "A Lavoura do Arroz em Iguape" (1902), "O Arroz de Iguape" (1910), "Noções de Meteorologia e Climatologia Agrícola" (1913), "O Arroz" (1914), "As Moléstias dos Animais - Manual do Veterinário Prático" (1913), "Manual do Horticultor" (1921), e "Plantas Taníferas" (1926). Em "O Arroz de Iguape", com base em análises científicas, Granato provou que o arroz daquela localidade era o mais nutritivo dentre todas as amostras analisadas. Em todos os trabalhos experimentais, Granato lançava mão da química para uma melhor compreensão da qualidade da terra (agricultável ou não), das águas, vegetais e produtos obtidos do extrativismo natural ou do cultivo e da pecuária. Foi ainda redator-chefe (editor) da revista *O Fazendeiro*: revista mensal de agricultura, indústria e comércio, que circulou até 1930. Além da área agrônômica, foi recentemente revelada sua participação na exploração pioneira da Caverna da Tapagem (hoje, Caverna do Diabo), localizada no Vale do Ribeira, próximo a Iguape, em 1901. É uma das mais conhecidas, belas, grandiosas e importantes do Brasil, reconhecida internacionalmente.

Casou-se com Emília Granato, com quem teve seis filhos: Laura, Ítalo, Francisco, Lourenço Júnior, Alívia e

Emílio. Faleceu em São Paulo em 28 de dezembro de 1943, aos 71 anos. O governo de São Paulo, pelo Decreto 17.808, de 18 de dezembro de 1947, renomeou a antiga Escola de Horticultura de Água Funda como Escola de Horticultura Lourenço Granato, localizada na capital paulista.

Referências

⇒ *Falecimentos – Lourenço Granato*. Correio Paulistano, 29 de dezembro de 1943, p. 5.

⇒ NERY, Marco Arlindo Amorim Melo Pelos caminhos de Deméter: os aprendizados agrícolas federais e as políticas para o ensino agrícola primário no início do século XX (1910-1947). Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010, 200 p.

⇒ SILVERIO, Marcos Otavio *Atuação da arquitetura no uso público de cavernas*. São Paulo: FAUUSP, 2014, 256 p.

⇒ *Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo*. A Gazeta da Farmácia, agosto de 1944, p. 3; setembro de 1953, p. 8.

⇒ WELTMAN, Wanda Latmann *A educação do jeca: ciência, divulgação científica e agropecuária na revista Chácaras e Quintais (1909-1948)*. Tese de Doutorado, Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, RJ, 2008, 243 p.

PIONEIROS DA QUÍMICA

Eugênio Lindenberg

Filho de Luiz Lindenberg e Jeny Lindenberg, nasceu em Salinas, região de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1869. Seu pai era filho do fundador da indústria salineira (Salinas Perynas) no Brasil, Ludwig Lindenberg (1790-1850), implantada em 1823 sob permissão do Imperador Dom Pedro I. Era considerado um estabelecimento-modelo do gênero por colocar em prática novas tecnologias de obtenção do sal.

Viajou para a Alemanha em 1877, onde estudou no Ginásio de Lübeck. Retornou ao Brasil em 1887. Fez seus estudos preparatórios em Ouro Preto e, ao mesmo tempo, o curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde diplomou-se em 1891.

No ano seguinte voltou à Alemanha, matriculando-se na Universidade de Munique. Trabalhou por cinco anos com Adolf von Bayer (1835-1917, Prêmio Nobel de Química em 1905), e obteve seu doutoramento com a menção *magna cum laude*, em 1898. Mediante concurso, obteve a livre-docência em química industrial pela mesma universidade.

Em 1910, dirigia os trabalhos técnicos da fábrica de produtos químicos de Oberhofen, na região de Thurgovia. Foi responsável ainda pela abertura da filial italiana na cidade de Gênova.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Eugênio voltou para o Brasil, ingressando em 1915 na Escola Politécnica de São Paulo, inicialmente na qualidade de professor interino.

Mediante concurso, foi admitido em 1920 como professor efetivo de Química da referida Escola, ali permanecendo até a aposentadoria compulsória, em 1937. Cuidou das cadeiras (disciplinas) de Química Industrial Inorgânica e Química Analítica Aplicada.

Sempre desfrutou da sincera afeição de seus alunos e de seus colegas de trabalho (por exemplo, foi homenageado pelos formandos de 1919).

Era um amigo sincero e cavalheiro, verdadeiro *Mestre* na acepção da palavra. Dirigia com dedicação exemplar os trabalhos de laboratório de seus alunos.

Foi homenageado pelo Grêmio Politécnico em 21 de maio de 1938, após sua aposentadoria.

Pela Escola Politécnica participou ativamente como delegado paulista e apresentador de trabalho no Primeiro Congresso Nacional de Óleos, Gorduras, Ceras e Resinas, e Seus Derivados, realizado no Rio de Janeiro em novembro de 1924, sob a organização da Sociedade Brasileira de *Chimica*.

Na segunda edição desse congresso, realizado em São Paulo em maio e junho de 1927, e organizado pela Associação Comercial de São Paulo, Eugênio foi membro da Comissão Organizadora.

Foi congressista do Terceiro Congresso Sul-Americano de Química, realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo, em julho de 1937.

Em paralelo à sua atuação na USP, atuou, como consultor técnico por muitos anos, na Companhia Antarctica Paulista, nas Indústrias Reunidas Matarazzo e na Light & Power Company de São Paulo.

Como químico (ainda que formado no exterior) radicado no Brasil, teve sempre como uma de suas preocupações a regulamentação e o reconhecimento da profissão de químico no país.

Foi um dos fundadores do Sindicato dos Químicos de São Paulo (1931), vindo a exercer a presidência por um mandato.

Além disso, foi membro associado da Academia

PIONEIROS DA QUÍMICA

Luciano do Amaral

Filho de Estanislau Rubens do Amaral e Sylvia Pacheco do Amaral, Luciano Francisco Pacheco do Amaral nasceu em 7 de novembro de 1921 na cidade de São Sebastião da Gramma, Estado de São Paulo.

Desde cedo ficou evidente a sua vocação pelo magistério, já que aos doze anos, na qualidade de aluno do segundo ano do Ginásio do Estado, dava aulas particulares de matemática para alunos mais atrasados e preparava outros para o Exame de Admissão ao Ginásio. Como professor efetivo de química, lecionou durante vários anos em diversos Colégios do Interior e da Capital até se afastar desse segmento do ensino em 1961 a partir do momento em que, a convite do Prof. Paulo Guimarães da Fonseca, então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, assumiu a Cadeira de Química Analítica.

Contudo, sua carreira universitária iniciou-se em 1950, quando convidado pelo Prof. Leal Prado da Escola Paulista de Medicina, foi encarregado da Disciplina de Bioquímica, atividade que desenvolveu concomitantemente com o magistério secundário.

Trabalhou no Departamento de Química da Universidade de Indiana com o Prof. Eugene H. Cordes durante o período compreendido entre setembro de 1964 e agosto de 1965 como Professor Associado.

Como decorrência desse estágio, passou a desenvolver, em conjunto com esse Professor, pesquisas no campo da "Cinética das Reações de Adição de Reagentes Nucleofílicos ao Grupo Carbonila", tendo publicado mais de vinte trabalhos sobre esse assunto.

Publicou também diversos artigos no campo da "Influência de Grupos Vizinhos nas Reações de Adição aos Ácidos Insaturados", tendo, em 1964, obtido o grau de

Doutor em Ciências com a tese intitulada "A Iodolactonização de Ácidos Alil e Metalil Malônicos", sob a orientação do Prof. Marcello de Moura Campos.

Seus trabalhos foram publicados em grande número nas revistas de Química de renome internacional, e suas comunicações apresentadas em congressos nacionais e internacionais, ultrapassam uma centena.

Em 1961 começou sua carreira na Universidade de São Paulo (USP), começando como Professor Assistente de Química Orgânica na Escola Politécnica e, posteriormente, Professor Assistente Doutor (1964) e Professor Livre-Docente (1968). Mais tarde, foi Professor Adjunto do Instituto de Química (1972) e Professor Titular em 1981. Foi ainda Professor Titular de Química Orgânica na Escola de Engenharia Mackenzie (1959) Professor Titular de Química Orgânica da Escola Paulista de Medicina.

Luciano foi membro do Conselho Científico da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (FUNBEC) (1972-1975), do Conselho Curador da mesma Fundação (1977-1981), e Diretor da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (1981-1985). Participou ainda de diversas entidades científicas: membro da Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo (1979), da Associação Brasileira de Química, da Sociedade Brasileira de Química (1978) e da Academia Brasileira de Ciências (1985).

Na Associação, teve destacada atuação na Regional São Paulo, que a presidiu, bem como em diversos Congressos Brasileiros de Química. Seu papel foi reconhecido em 2002, por ocasião dos 80 anos da entidade, com seu nome gravado em um quadro hoje instalado na sede.

Durante a sua profícua atividade docente foi agraciado com diversas honrarias e distinções, dentre elas a Retora de Ouro, conferida pelo Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro (1979), o Prêmio Jabuti, ofertado pela Câmara Brasileira do Livro (1981, pela obra “Química Orgânica”, da EDUSP, e a medalha do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1981).

Recebeu várias bolsas de auxílio para pesquisa, destacando-se as da National Science Foundation (1961), do National Institute of Health (1964-1965), do Overseas Research Grants and Education (1970) e diversos auxílios da FAPESP.

Luciano do Amaral orientou vinte trabalhos de Mestrado e Doutorado no Instituto de Química da USP, às vezes contanto com poucos recursos nos laboratórios de pesquisa.

Publicou diversos livros de Química, bem como prestou relevantes serviços à comunidade. Colaborou decisivamente na realização do I Simpósio Brasileiro de Eletroquímica e Eletroanalítica, realizado em outubro de 1978 no Instituto de Química da USP.

Tinha uma personalidade gentil, calma e organizada.

Católico fervoroso, incentivado sempre por Dione, sua esposa, dedicou-se com entusiasmo a trabalhos pastorais e movimentos católicos. Estudioso assíduo da Bíblia Sagrada, publicou diversos livros nos quais fica evidente o seu profundo conhecimento sobre as Sagradas Escrituras.

Faleceu em 29 de setembro de 1998 na cidade de São Paulo, aos 76 anos. Foi casado com Dione Lessa do Amaral, com quem teve três filhos.



Professor Luciano do Amaral.
Fonte: acervo da USP

Referências

- ⇒ AVACA, Luís Alberto; Tokoro, Roberto *A história, evolução e crescimento da eletroquímica/eletroanalítica nestes últimos 25 anos*. Química Nova, 2002, v. 25, suplemento, p. 25-30.
- ⇒ CAMPOS, Marcello de Moura *In Memoriam*. Química Nova, 1997, v. 20, n. 5, p. 153.
- ⇒ CAMPOS, Marcello de Moura *Luciano do Amaral*. Anais da Associação Brasileira de Química, 1998, v. 47, n. 4, p. 5.
- ⇒ EL SEOUD, Omar A. Luciano do Amaral: o homem e sua obra. http://www.iq.usp.br/portaliqusp/sites/default/files/anexos/Luciano_do_Amaral_Omar_El_Seoud_homenagem_2021.pdf. Acesso em abril de 2023.

PIONEIROS DA QUÍMICA

Luís Oswaldo de Carvalho

Filho de Luiz José Pereira de Carvalho e Emília Fayão Pereira de Carvalho, Luís Oswaldo nasceu em Valença, município do Estado do Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1884. Diplomou-se em farmácia e odontologia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Começou suas atividades profissionais atuando na área de ensino, como professor de química do Liceu de Artes e Ofícios.

Conhece-se sua atuação como chefe do serviço de química do Instituto Ehrlich na década de 1910. Após disputadíssimo concurso, ingressou como químico e bromatologista no Laboratório Municipal de Análises em 1908, permanecendo até 1921 quando este laboratório foi transferido para a jurisdição do Governo Federal com a denominação “Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Pública”, em virtude da reforma dos serviços sanitários do país, levada a efeito por Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas (1879-1934).

Foi promovido a químico auxiliar e, em 1928, a químico-chefe desse Laboratório, onde permaneceu até 1932. Mediante permuta com seu amigo Luís Affonso de Faria, transferiu-se para o Instituto de Química do Jardim Botânico. Ali, atuou como químico-chefe da 4ª seção (agentes corretivos e defensivos da lavoura), após a reorganização do Instituto em 1934, especializando-se em adubos, inseticidas e parasiticidas, até a sua aposentadoria do serviço público, em 1946.

Considerado técnico competente e possuído de vastos recursos científicos e intelectuais (tinha uma mente e memória privilegiadas), foi autor de vários processos analíticos, dentre eles, a dosagem da nicotina em inseticidas, a dosagem de cafeína e a análise da qualidade de águas, assunto em que era considerado

grande especialista.

Seu papel na química brasileira do século XX vai muito além de sua atuação profissional.

Era um visionário e idealista. Em agosto de 1915, Luiz Oswaldo de Carvalho lançava a “Revista de Química e Física”, publicação mensal, contando com a colaboração de eminentes profissionais do Rio de Janeiro. A revista era multidisciplinar: veiculava trabalhos sobre ciências aplicadas à medicina, engenharia, agronomia, artes e indústria.

No primeiro número, Luiz Oswaldo justificava aquela iniciativa: *Estamos a par do progresso estrangeiro, temos ideias e ecletismo, somos cercados de riquezas naturais consideráveis; de que nos vale tudo isto? Não lhe tiramos o menor partido, antes pelo contrário, deixamos desprezivelmente que se escoem para outros povos mais avisados essas reservas econômicas de que nos dotou exuberantemente a Natureza!... E por quê? Simplesmente porque somos esparsos!*

Essa revista teve a ventura de ter publicado o manifesto “Façamos Químicos” (1917), de José de Freitas Machado, documento relevante que ajudaria a levar três anos depois à criação dos primeiros cursos de química industrial em nível superior no Brasil. Foi editada regularmente até 1916, e depois com lacunas até a sua extinção em 1919.

Naquela mesma época. Luís Oswaldo tinha a ideia de fundar uma “Sociedade de Química e Física”, etapa de um projeto ainda mais ambicioso – a fundação de uma Academia de Ciências. Porém, o país não tinha perfil para comportar uma entidade daquele gênero.

Logo depois, juntamente com alguns amigos farmacêuticos, sob o ideal de reunir a classe e elevar o nível científico da profissão, fundou em 20 de janeiro de

1916, após intensa propaganda na imprensa e na revista que fundara no ano anterior, a Associação Brasileira de Farmacêuticos (ABF), que marcou a trajetória da farmácia brasileira durante mais de um século.

Luís Oswaldo foi empossado como seu primeiro presidente (1916-1919), tendo ainda a ventura de participar de seu jubileu de ouro, em janeiro de 1966.

Além de sócio-fundador e presidente da ABF, Luís Oswaldo foi sócio-fundador e Presidente da Sociedade Brasileira de Química por dois mandatos sucessivos (5ª Diretoria, 1926-1927, e 6ª Diretoria, 1928-1929).

Em 1941, ingressou na Associação Química do Brasil (AQB), e representou o Diretor do Instituto de Química Agrícola no Primeiro Congresso Nacional de Química, o primeiro evento organizado pela AQB (São Paulo, 1941).

Luís Oswaldo era reservado, *de excessiva modéstia*, esquivando-se frequentemente de receber qualquer manifestação pública. Faleceu em Niterói,

Estado do Rio de Janeiro, em agosto de 1980, aos 95 anos.

Referências

⇒ Anais dos Sócios da Associação Química do Brasil, 2ª edição. Rio de Janeiro: Associação Química do Brasil, 1943, p. 28-29.

⇒ Homenagem ao Farmacêutico Luís Oswaldo de Carvalho. Revista da Sociedade Brasileira de Química, 1946, v. XV, n. 3-4, p. 172-173.

⇒ Instituto de Química. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930), Casa de Oswaldo Cruz / FioCruz (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>).

⇒ Notas sociais – chás. O Imparcial, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1928, p. 6.



FOTO: LACEN-RJ

O Laboratório Municipal de Bromatologia, criado por decreto em 05/06/1894, em 1906, tem seu nome modificado para Laboratório Municipal de Análises. Depois passou a se denominar Laboratório Bromatológico do Rio de Janeiro